TL 1617

Aspectos da Etnozoologia Timorense

1. A ilha de Timor, situada no arquipélago de Sonda Menor, é atravessada longitudinalmente por uma cadeia de alcantiladas montanhas, onde se encontra o ponto mais alto de Portugal — o Tátá Mái Láu, expressiva designação traduzida literalmente por «avô velho dos montes». Polìticamente, o território de Timor está dividido em dois: a parte ocidental, indonésica, e a oriental, portuguesa, com a região de Oè-Cusse, encravada na costa setentrional da primeira, a pequena ilha de Ataúro (distanciada poucos quilómetros do litoral norte timorense) e o minúsculo ilheu Jaco, desabitado, afastado sòmente algumas dezenas de metros do extremo leste desta nossa província.

O nome da ilha, «Tímur» em dialecto maláio, significa «oriente» em português. Com efeito, ela fica na extremidade oriental do arquipélago de Sonda Menor; Oè-Cusse, palavra composta do idioma biqueno, quer dizer «panela de água»; do topónimo Ataúro, denominação que lhe aplicam os timorenses em geral, ignora-se a tradução em português — os povos de língua maláia chamam-lhe «Pulo Cambing», isto é, «ilha das Cabras» (ou dos Cabritos); na verdade, apenas alguns destes mamíferos domésticos se criam ali, tão pouco propício à vida animal é o meio geobotânico local.

Dispondo-se na direcção nordeste-sudoeste, entre os Oceanos Pacífico e Índico, a ilha de Timor é banhada a sul pelo mar de Timor e a norte pelo mar de Banda. Estas áreas aquáticas receberam dos naturais os

In: MEMÓRIAS DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA
Classe de Ciências
Tomo XV - Lisboa 1971

curiosos hidrónimos «tássi mane» e «tássi feto», respectivamente «mar homem» e «mar mulher» na nossa língua, em virtude de o primeiro se mostrar normalmente agitado e hostil, e o segundo habitualmente calmo e bonançoso.

2. A população actual do Timor Português soma cerca de 550 000 habitantes, dos quais 5000 são chineses, 3-4000 descendentes de europeus, e pouco mais de uma centena e meia de mouros ou maometanos vindos da Indonésia. Os povos nativos repartem-se por 31 grupos etnolinguísticos seguintes: Bécais, Biquêno, Búnaque, Dàdua, Dàgadá ou Fáta Luco, Galólen, Hábo, Idàté, Ísni, Càirúi, Quêmaque, Lacàlei, Lòlei, Lòváia-Epulo ou Macouè, Macalére, Macassáe, Mambáe, Maráe, Mèdique, Nà-Idamo, Nà-Ine, Nà-Náèque, Nauéti, Ossò-Mócò, Rai-Êsso, Ràclum-U, Sà-Ine, Tétum, Tocudéde, Uái-Máa e Umanguil; porém podem reduzir-se a seis ou sete grupos fundamentais: Biqueno, Búnaque, Mambáe, Tétum, Macassáe, Fáta Luco e Macoué. Estudaram-se antropològicamente e de todos foram registados os principais caracteres gramaticais pela Missão Antropológica de Timor que chefiei.

Examinando a carta da distribuição geral dos grupos etnolinguísticos do Timor Português, verifica-se que ocupam zonas territoriais de variável extensão; todavia, se alguns parecem alargar-se de costa a costa, outros limitam-se a populações que habitam zonas do litoral ou próximas deste, e ainda outros, os menos numerosos, encontram-se normalmente no interior da província — estes constituem, por vezes, quistos maiores ou menores, revelando influências antropobiológicas e culturais dos povos limítrofes ou entre quem vivem.

Pode aceitar-se, portanto, que a ilha de Timor foi ocupada por sucessivas vagas humanas, desembarcadas principalmente na costa setentrional. A favor desta hipótese militam os numerosos materiais paleo-

líticos, alguns neolíticos e as pinturas rupestres existentes nos concelhos de Baucau (Laga) e de Lautém (Tutuala). Segundo Breuil, estes espólios líticos relembram, na tipologia e na técnica, os abundantes exemplares achados na relativamente vizinha ilha de Java, situada a oeste de Timor; ali se descobriram igualmente importantes restos osteológicos de Pitecantropídeos, por enquanto desconhecidos no Timor Português mas que, no parecer desse grande prehistoriador francês, deverão vir a achar-se futuramente. As pinturas rupestres do Timor Português evidenciam semelhanças com algumas estudadas nas ilhas das Celébes. Contudo, não esquecerei as conclusões de Rivet, Mendes Corrêa, Mateus, Castro e Almeida e as minhas, no sentido de que os arquipélagos de Sonda tanto poderiam ter sido povoados pelos heterogéneos grupos étnicos já mencionados, provenientes da Ásia meridional, como esta haver recebido representantes de um centro insular de aparecimento humano, os quais, posteriormente evoluídos e diferenciados antropogenèticamente, originariam as raças e povos actuais dessa vasta área geográfica do mundo.

É opinião corrente — filiada em características étnicas e culturais, análogas ou afins das de outras populações ainda existentes na Ásia Meridional e Oriental — que o povoamento humano da Insulíndia se haveria efectuado com gentes vindas especialmente da Ásia Sudoriental, a saber: Protomaláios, Deuteromaláios, Negritos, Vedáicos, Dravidianos e Melanésios. Bijlmer afirma que a parte oriental da ilha das Flores e as restantes ilhas do arquipélago de Sonda Menor estão abrangidas na área de difusão dos povos melanésios, hipótese não corroborada quanto a Timor, pelas conclusões dos estudos de Mendes Corrêa e dos meus próprios, realizados localmente; os grupos étnicos do Timor Português pertencem, fundamentalmente, à estirpe indonésica dos Mongolóides e, se houver influxo apreciável de sangue de outra origem, é porventura mais admissível a védo-australóide ou a maláio-indiana.

Na opinião de Montandon, os timorenses estão incluídos no ciclo cultural austronesóide — que se estende no oceano Índico (com Madagáscar) à quase totalidade do oceano Pacífico (com a Nova Zelândia) —, confinando com os ciclos: neo-matriarcal, a leste; totémico, a sul; e, mais longe e a noroeste, com os ciclos indóide e islamóide, este por intermédio do subcontinente indiano.

3. Esta comunicação, baseada em grande parte em investigações pessoais efectuadas *in loco,* respeita a certos aspectos da etnozoologia de Timor, designadamente os de índole mágico-religiosa, entre os quais se contam alguns tabus alimentares; e constitui um subsídio para o conhecimento de tão interessante capítulo da animologia timorense. Não ignoro, contudo, quão difícil é entrever a origem e interpretar manifestações culturais de gentes menos ocidentalizadas, para mais sujeitas a múltiplas influências recebidas através do tempo e do espaço, provenientes dos ciclos culturais mencionados acima, condicionadoras de fenómenos de simbiose ou sincretismo de concepções — comummente fantasiosas, próprias das ardentes imaginações dos povos orientais, bem patentes nas suas tradições, constantes de interessantíssimas lendas, fábulas e mitos. Nesses documentos orais há alusões ao céu e às estrelas, a mulheres-orvalho e a princesas que lançam flores pela boca quando falam e pepitas de ouro em vez de lágrimas, a transmigrações de almas, a metamorfoses de pessoas e de seres irracionais, a transformações de animais em elementos dos reinos vegetal e mineral, e recìprocamente, a monstros, fontes, árvores, plantas e animais domésticos e selvagens, vulgares ou sagrados.

4. Se, ao que se admite, os animais aquáticos de Timor são abundantes e variados, já o mesmo não pode dizer-se dos terrestres, relativamente poucos, especialmente a fauna grossa selvagem, em que faltam quase todos os carnívoros. Dada a impossibilidade de, agora, aludir convenientemente a todos, limitar-me-ei a falar do búfalo e

do crocodilo, aliás as mais importantes figuras da mitologia e folclore timorenses.

Uma das maiores aspirações dos timorenses consiste na posse de grandes manadas de búfalos — que nascem, crescem e vivem nos montes, onde pastam livremente, às vezes, acompanhados apenas por jovens pastores; ali vão os donos mungir as fêmeas, havendo até rapazitos que mamam nos úberes dos mansos animais e outros cavalgam-nos, sobretudo àqueles a que prèviamente furaram o septo nasal para passagem de uma corda pelo orifício, a servir de arreata. Estes ruminantes não representam verdadeiro valor económico, mas quase constituem apenas motivo de ostentação, abatendo-os em circunstâncias especiais. Alguns búfalos afastam-se das povoações, tornando-se brâvios; em Timor, não há búfalos selvagens. É curioso anotar que o preço dos búfalos de Timor não se relaciona com a corpulência dos animais, mas tão sòmente com a dimensão dos chifres, avaliada em pardaus — cada um corresponde, aproximadamente, a um palmo. Esta denominação foi influenciada, decerto, por uma antiga moeda da Índia Portuguesa, com o valor de 300 réis *fortes*.

Crê-se que o búfalo tenha sido introduzido em Timor, vindo em eras remotas da Ásia Meridional, designadamente da Índia, via Indochina. Conquanto nem todos os ruminantes desta espécie sejam utilizados nas fainas agrícolas, o búfalo constitui um apreciável elemento de trabalho, «lavrando» ou pisando com as patas o terreno submerso, destinado ao arrozal; sendo mamífero muito calorento, só pode desempenhar esta função antes do meio dia, quando a temperatura é menor, passando o resto do dia a pastar, à sombra ou imerso na àgua dos charcos e das ribeiras até às narinas. A sua carne e o branquíssimo, saboroso e gorduroso leite (e o queijo e a manteiga que dele fabricam) entram na alimentação humana; e os animais adultos e vivos figuram no «barlaque» ou dote nupcial das pessoas abastadas, oferecido pelo

noivo à família da futura esposa, podendo ser, imolados nos «estilos» ou cerimónias rituais mais importantes, mormente por ocasião dos funerais dos respectivos donos.

Todo o mamífero se aproveita: além destes sacrifícios (propiciatórios de boas colheitas e de fecundidade dos animais domésticos e agentes de protecção contra os males físicos e morais das pessoas), a pele e os chifres — de que os timorenses, servindo-se de instrumental rudimentar, esculpem curiosas obras de arte, tais como o jacaré-voador, a típica casa de leste, combates de galos, lutas do pé, guerreiros armados de escudo e lança ou de arco e seta, grupos de homens e mulheres a dançar, pentes, etc.

O búfalo é personagem altamente qualificada no folclore local. Os timorenses animistas atribuem-lhe origem sobrenatural: no parecer de alguns da costa meridional da ilha, chegaram ali, após terem surgido, miraculosamente, no mar de Timor; para outros, estes animais nasceram em poço, nascente de água doce ou depósito de água salgada; finalmente, há naturais que crêem terem os búfalos aparecido de covas subterrâneas. Os que supõem os ruminantes oriundos do mar dizem-nos possuidores de pele branca, tornada escura após algum tempo de permanência em terra — os animais desta cor são raros na província. A alguns desses mitos — que ouvi aos nativos ou figuram em trabalhos escritos de funcionários administrativos e missionários — vou referir-me em seguida; porém, antes disso, convém informar que os Tocudédes do concelho de Liquiçá distinguem duas espécies de búfalos, consoante a morfologia do fígado respectivo; em uns é achatado, repartido em três lóbulos (um pequeno como um polegar humano, e dois maiores e menos achatados), órgão que em outros se apresenta comprido, como o dos peixes, lembrando o baço do porco.

Os búfalos de Tíbar, baía situada a oeste de Díli, possuidores de fígado alongado, apareceram, há muito tempo, numa nascente exis-

tente na praia e visível durante a maré baixa. Diz-se que um dia a filha do rei de Motaél foi buscar água a essa fonte e, tendo caído lá, desapareceu. Seus pais entristecidos procuravam-na, em vão, por toda a parte, acabando por regressar a casa desanimados. Durante a noite, o soberano sonhou com um príncipe que o informou de que casara com a princeza, incitando-o a alegrar-se com a notícia, pois poderia procurar, no dia seguinte, o devido «barlaque», junto da nascente. O monarca seguiu a recomendação e, ao aproximar-se da fonte, surpreendido e cheio de contentamento, viu que de ali saíam numerosos búfalos — tantos que, passando por cima de um pequeno monte próximo, sob o peso dos animais, o terreno abaixou muito na parte média, restando dois montículos, unidos por uma superfície plana, facto que ainda hoje pode observar-se. O rei ficou tão satisfeito que acabou por esquecer-se da filha. Por vezes, actualmente, ainda aparecem raparigas que acreditam na longínqua ocorrência e, no tempo da colheita do milho ou do arroz, vão deitar na nascente alguns pés da primeira gramínea (com espiga e bandeira) e dar a «comer» carne com sementes do segundo cereal e pedaços de noz de areca e folha de bétele aos chifres e caveiras de búfalo, amarrados a uma árvore perto da fonte. Mas não mais ali apareceram búfalos.

Outra versão do mesmo mito conta que uma rapariga, filha de um dato — homem politicamente qualificado na hierarquia nativa — foi buscar água a um poço «lúlic» ou sagrado, localizado na praia de Tíbar; era a mais linda donzela da povoação, vestia bonito fato e envergava «mutiçalas» ou cordões de coral, «luas» de ouro e de prata dourada, pulseiras e braceletes dos mesmos metais. Ao chegar junto da nascente, a água entrou em ebulição, e a jovem desapareceu para sempre envolvida numa nuvem de fumo. O resto do mito é igual ao anterior, excepto no que respeita à circunstância de os animais ostentarem valiosas jóias. Também as raparigas da região têm ido até ao poço sagrado à procura da sorte, que jamais as favoreceu.

Os timorenses das redondezas estão convencidos de que todos os búfalos de Timor descendem dos de Tíbar, embora nativos de outras localidades lhes apontem origem diferente. Assim, da nascente de Ué-Soro (expressão que, literalmente significa «água de chifre de búfalo», em tétum de Viqueque), durante uma noite em que choveu torrencialmente, surgiram numerosos búfalos; porém o último, por possuir chifres demasiadamente longos, não pôde passar pela abertura, tendo tremido a terra com o esforço que o animal desenvolveu para transpô-la, mas sem êxito. Só depois de o homem ter cortado com a catana um chifre do búfalo é que este conseguiu sair. Desde então, nunca mais apareceram búfalos na fonte.

Em Laleia, concelho de Manatuto, no sopé de uma grande rocha, fica uma cavidade com abertura estreita, rés-do-chão e voltada para leste; ao lado da entrada postava-se uma pedra, figurando um búfalo provido de chifres e cauda, quando examinado pelo dorso. Até há umas dezenas de anos saíam de lá búfalos, motivo por que os habitantes animistas de Laleia e arredores lá iam «fazer estilos» ou «dar de comer à pedra», oferecendo-lhe carne de cabrito e de porco (especialmente o fígado), areca, bétele e arroz. Tais cerimónias findaram depois que um sacerdote católico mandou colocar uma cruz de cimento no cume do referido penedo.

Também em Luca, concelho de Viquéque, havia uma cova subterrânea, de onde saiam búfalos — na opinião dos naturais da região, tantos quantos as necessidades da ilha de Timor (em Ataúro, não existem estes animais — «Deus não quiz criá-los lá», declaram os seus habitantes). Certo dia, alguns timorenses católicos taparam a entrada da cavidade e mais nenhum búfalo apareceu ali. Os povos de leste afirmam que os búfalos da região vieram de Viqueque.

A tradição refere que, em Laga, concelho de Baucau, a água da respectiva lagoa era doce, antigamente; por encanto, tornou-se salgada após a imersão espontânea, seguida de desaparecimento, de um búfalo fugido do povoado da vizinhança, quando pretendiam sacrificá-lo em «estilo». Na estação seca, extrai-se sal da lagoa, outrora consumido em grande parte da província. Após alguns anos de menor aproveitamento — em virtude de obter-se produto análogo nas típicas salinas, situadas a oeste de Díli, a leste de Manatuto e na ilha de Ataúro — a utilização do sal de Laga voltou a ampliar-se, graças, especialmente, aos Serviços de Saúde provinciais, em regiões longe do mar e com bócio endémico. Ainda que resultante da evaporação de água do mar infiltrada, o produto foi sempre preferido por, associados ao cloreto de sódio, conter cloreto de potássio e outras substâncias químicas que o escurecem e lhe comunicam mais sabor.

Em Metinaro, concelho de Manatuto, a leste de Díli, num buraco onde já tinham desaparecido os antepassados dos Dàduas — pequeno grupo étnico de Timor — nasceram um homem e uma mulher providos de chifres de búfalo. Este fenómeno teratológico preocupou e atemorizou tanto os restantes naturais que astuciosamente acabaram por matá-los — não fossem dar origem a uma geração de pessoas com armação craniana do ruminante. Pediram ao casal que fosse buscar um tear de ouro, guardado na cavidade. Incitados pela cobiça, os cônjuges não hesitaram em entrar; fechando-lhes, imediatamente, a abertura com pedras, o homem e a mulher anormais lá ficaram para sempre.

Os búfalos também são sacrificados em «estilos» de certa categoria; os Becais de Balibó e os Quémaques de Atabai, concelho de Bobonaro, aquando da pescaria anualmente realizada em Be-Malae, costumam abater ritualmente um desses animais (ou porco corpulento), para que a cerimónia ritual favoreça a captura de bastante peixe e impeça

o ataque dos crocodilos que porventura aí vivam (Victor Santa, Rui Cinatti).

Nos topos das casas dos chefes nativos de leste de Timor vêem-se amiúde crescentes de madeira, que tanto podem equivaler a quilhas de barcos como a dois chifres de búfalo unidos pelas bases. Serão portanto símbolos, respectivamente, da canoa que trouxe seus antepassados, ou de poder dessas autoridades tradicionais — nas religiões antigas o touro simbolizava a vida, a fecundidade e o poder (assim, por exemplo, entre os Hebreus pré-mosáicos). Caveiras de búfalos ostentam-se amarradas a troncos de madeira, implantados junto das sepulturas dos proprietários dos animais — a provarem que lhes foram prestadas as devidas honras com o indispensável morticínio das rezes durante as pompas fúnebres.

Os nomes gentílicos do búfalo (carabau, carau, arabau, berau ou brau, arapó, segundo os vários falares timorenses) são por vezes idênticos ou com leves alterações fonéticas aos das línguas de territórios mais ou menos distantes de Timor, por exemplo, as Filipinas, onde tive ensejo de verificar o facto; também se aplicam como topónimo (Hato Carabau, «pedra em forma de búfalo»), hidrónimos (nascente de Ué-Soro, «água de chifre de búfalo» — referindo-se ao chifre cortado — ribeira de Carau Ûlum, «cabeça ou marrada de búfalo» — tamanha é a força que adquire a sua corrente na época das grandes chuvas), e a instrumento agrícola («carau dícur», picareta com a forma de chifre de búfalo), etc. Às espécies bovinas, conhecidas em Timor alguns séculos depois do búfalo, dão os naturais o nome genérico de «carau baca», quer se trate ou não de animal de sexo feminino.

5. O crocodilo timorense *(Crocodilus biporcatus)*, também chamado «lagarto grande» e «lagarto de água», embora prefira viver na água doce, quando as ribeiras, as lagoas e os pântanos timorenses secam

passa a habitar em «coilões» ou charcos de água salgada, alimentando-se de peixes e de espécies terrestres que inadvertidamente se aproximem dali. Tais depósitos, existentes perto da praia e em comunicação com o mar no tempo das chuvas, deixam de o estar devido à acumulação de areias — removidas pelos nativos na época seca, para esvaziá-las e mais fàcilmente poderem pescar.

Geralmente muito estimado pelas populações animistas, o jacaré recebe destas atenções especiais, sendo até cultuado, não só em algumas regiões do Timor Português como nas de outros territórios menos ou mais distantes desta ilha. Os timorenses, mòrmente os da costa norte, chamam-lhe «tàtá» avô, e avô-rei na costa sul, tendo-o, às vezes, por seu tóteme ou antepassado comum; em Manatuto, costumavam pôr luto quando algum crocodilo morria. Figura como protagonista principal em muitos mitos, lendas e fábulas regionais, atribuindo-lhe origem marítima; a própria ilha de Timor é tomada por alguns naturais como gigantesco jacaré petrificado que, em tempos imemoriais, emergiu do fundo do oceano. Realmente, a configuração da ilha lembra o corpo do réptil, com cabeça voltada para sudoeste, correspondendo a respectiva boca à baía de Cupão; parte do tronco e a cauda ficam para nordeste, na parte portuguesa.

Normalmente, o hidrossáurio mostra-se amigo do homem, designadamente dos portugueses. Segundo a tradição de algumas regiões timorenses, relatada por vezes de maneira diferente, um «Malae» aportou à ilha transportado no dorso de um crocodilo provido de asas — por isso, correntemente conhecido por jacaré-voador —, acompanhado de uma ave protectora, o galo. Esta simpática versão encontra-se plàsticamente expressa pelos escultores da ilha (mormente os de Viqueque), na representação dos três protagonistas em chifre de búfalo. Vem a propósito sublinhar que só aos portugueses de ascendência europeia os naturais mimoseiam com o honroso etnónimo «Malae», que quer

dizer estrangeiro; para os demais alíegenas — por exemplo, os australianos e japoneses —, usam respectivamente as expressões «Malae olhos de gato» e «Malae olhos inchados», curiosas denominações filiadas em conceitos de antropologia física. Todavia, os chineses e maometanos locais não recebem esta qualificação — denominam-nos simplesmente, chinas e mouros, como nós chamamos a estes grupos étnicos.

Como já afirmei, os timorenses antes de pescarem em «coilões» celebram «estilos» propiciatórios, nos quais não faltam a carne de búfalo ou de porco e a de cabrito, de cão e de outros animais domésticos, associada ao arroz cozido, areca e bétele, com o propósito de obterem bom êxito e não serem vítimas dos répteis; se encontrarem pequenos crocodilos vivos, apanham-nos cuidadosamente e depõem-nos no mar. Em regra ninguém ousa matar e muito menos comer despojos dos répteis, nem sequer molestá-los mesmo quando estes hajam vitimado e deglutido qualquer pessoa; é que, neste caso, os crocodilos, incarnando o espírito bondoso e justiceiro de Deus, aplicaram o castigo merecido por falta grave cometida pela vítima, razão por que toda a comunidade gentílica se conforma com o procedimento do hidrossáurio. No Timor Português, os crocodilos são por vezes utilizados como detectives e agentes ou executores de ordálias ou juízos de Deus: havendo vários indivíduos inculpados, o que fôr raptado pelos répteis, entre os colocados para o efeito perto ou nas ribeiras e «coilões» por eles frequentados, constituirá o verdadeiro réu.

Consoante informação de Pinto Correia, em certa povoação junto da ribeira de Séçal, concelho de Baucau, persiste uma lenda muito antiga a respeito do jacaré. Dias após o respectivo falecimento, o nativo Lai Liba mostrou-se ao seu irmão sob a forma de crocodilo, no meio das águas do mar de Banda, a curta distância da costa; para se identificar, o hidrossáurio arremessou-lhe uma pedra, solicitando-lhe a

seguir a oferta de um cão, animal apreciado pelos jacarés, para saciar a fome que o devorava. Toda a gente da aldeia acorreu à praia para assistir à satisfação dos desejos do réptil, que não tardou a aparecer. Finda a ingestão das viandas do cachorro, o crocodilo atirou nova pedra para o litoral, ordenando que, para o futuro, o irmão ficava obrigado a celebrar anualmente um «estilo». Esta cerimónia, que continua a realizar-se, obedece ao seguinte ritual: abate de um cão e de um carneiro, cozinhando o fígado e os rins dos animais com arroz e molho; lançada a comida em pratos de folha de palmeira aquediro, depõem-nos sobre a areia, junto do oceano. Nessa ocasião e a pedido do oficiante gentílico — que, de cócoras, chama o defunto pelo seu nome, agora avô-Liba —, o crocodilo aproxima-se sem demora para tomar o repasto gostoso e esperado.

Apesar de tão cordial tratamento, os crocodilos não deixam de, onde em onde, atacar as pessoas que incautamente se aproximem da ribeira de Sèçal, sobretudo quando a corrente é caudalosa, como ocorre no tempo das chuvas. Ao verificarem-se semelhantes factos os timorenses dizem que os avôs estão zangados, quer por inobservância das boas regras de delicadeza que lhes são devidas, quer por não os terem mimoseado com iguarias em quantidade e qualidade satisfatórias; acontece, às vezes que, quando algum destes répteis se afasta da ribeira, espontâneamente ou por virtude das respectivas cheias, os naturais apressam-se a prendê-lo, pondo-o depois carinhosamente na corrente, nunca ousando magoá-lo.

Victor Santa registou três lendas em que aparece o jacaré. Seis irmãos vieram de Ué Háli — povoação situada no Timor Indonésico e não longe da fronteira —, tendo sido muito bem recebidos por um crocodilo natural da região de Pualaca, concelho de Manatuto. Traziam consigo a nafta e o fogo. No meio da conversa, jactancioso, o réptil declarou-lhes que possuía a faculdade de elevar a água do mar até

cobrir as montanhas timorenses; um dos interlocutores respondeu-lhe que tal prodígio também eles sabiam realizar. O crocodilo convidou-os a exemplificar a proeza, havendo os irmãos replicado que não desejavam que o oceano subisse, mas que secasse. E, sem demora, a água do mar começou a diminuir, prosseguindo durante sete dias. O hidrossáurio, cheio de calor, muito arrependido, pediu desculpa das suas impertinentes palavras e solicitou-lhes que reenchessem o oceano; reconhecidíssimo pela bondade dos seus convivas, recompensou-os com a oferta de camarão, peixes e uma palapeira. Desde essa data o camarão abunda na ribeira de Pualaca, mas só até ao sítio assinalado pelo jacaré.

Outra versão do mito, mais desenvolvida e relacionada com a fundação de Pualaca e o aparecimento do petróleo no Timor Português, reconhece maiores merecimentos ao crocodilo. Figuram nela os seis irmãos de Ué-Háli mas, em vez de nafta e fogo, traziam consigo uma espada de guerra. Posteriormente, os quatro irmãos mais velhos resolveram que os dois mais novos voltassem à terra natal buscar dois frascos com nafta e um com fogo. E assim sucedeu. Porém, quando regressavam ao sítio em que ficaram os outros irmãos, apareceu aos viajantes um crocodilo, perguntando para onde eles iam, tendo-lhes sido respondido que pretendiam escolher um lugar para habitação, no centro da terra — Timor. O réptil retorquiu-lhes: «Acautelai-vos; se levardes nafta e fogo para os lados de Lamaquitos (região portuguesa perto da fronteira com a Indonésia), pois que as «rondas ou guardas não vos deixarão passar». «O que faremos?» inquiriram. O jacaré respondeu-lhes, afectuosamente: «Como somos da mesma terra, acompanhar-vos-ei até ao local em que queirais fixar-vos».

Os três puzeram-se a caminho e, chegados a certo sítio, o réptil aconselhou-os a instalarem-se ali; depois de despedir-se dos dois irmãos, voltou para a sua morada. Os dois irmãos esconderam as vazilhas da

nafta e do fogo debaixo da terra, confiando o segredo a dois velhos que lá viviam. Surgiram primeiramente, as manifestações do fogo — uma chama, que constitui interessante espectáculo ainda hoje admirado; a nafta apareceu mais tarde.

Entretanto, um nativo da localidade foi cultivar a horta, algo distante da povoação; de noite, uma porca brava invadiu a plantação, causando alguns estragos. Na noite imediata, o dono foi vigiar a propriedade, a fim de capturar o animal daninho; às três horas da manhã apareceu uma estrela que lhe disse: «Homem, não me mates; de aqui a três dias, vem procurar-me» a um lugar que indicou. O velho satisfez o desejo da estrela, ficando surpreendido ao ver diante de si uma mulher que falou assim: «Vou escolher-te para marido e mostrar-te uma pedra, sob a qual está escondida uma vasilha com nafta, trazida por dois irmãos de Ué-Háli. Esta vazilha constitui boa herança para os nossos descendentes, os actuais filhos de Timor. Ao cabo de sete dias, morrerás e serás enterrado debaixo dessa pedra». Tudo aconteceu como a mulher sobrenatural previra. A herança é o petróleo, que aí há e tem sido explorado, ainda que por meio de técnica muito rudimentar.

Na lenda da lagoa de Ué-Lenas, ou «água das lágrimas», figuram crocodilos resultantes da metamorfose de homens.

Quando a ilha de Timor estava dividida em dois Estados — dos Bêlos e de Servião, equivalentes, respectivamente, às partes hoje portuguesa e indonésica —, o soberano do segundo reino, à frente de um exército, invadiu o território dos Bêlos, para conquistá-lo, opondo-se-lhe as tropas do primeiro soberano. As duas hostes combateram ferozmente, morrendo durante a luta o rei de Servião e quase todos os seus súbditos; os guerreiros sobreviventes foram a cavalo informar da derrota a velha mãe do monarca falecido, que o acompanhara e

havia ficado a superintender no acampamento. Ela chorou copiosa e dolorosamente, amaldiçoando os arautos que não salvaram o filho; as lágrimas dela foram tantas que inundaram o arraial e originaram uma lagoa cuja água só não atingiu o local em que estava a raínha-mãe — a qual pouco tempo depois morria de desgosto. A praga que ela rogou converteu os súbditos vencidos em jacarés, dos quais ainda existem descendentes em Ué-Lenas.

Um mito, recolhido no concelho de Viqueque por J. Correia de Campos, diz que uma rapariga e o pai dela foram à Austrália, montados num crocodilo, procurar a mãe e a esposa, esta metamorfoseada em catatua, após séria desavença conjugal. A ave foi a única das seis vindas anteriormente, desse Continente para Timor, onde, transformada em mulher, contraiu matrimónio com um homem descendente de um casal oriundo do céu; o marido escondera as penas da catatua sob a lareira. As outras aves regressaram à proveniência. Encontrada a catatua na Austrália, esta retomou o corpo de mulher e, com o marido e a filha, regressaram à aldeia timorense, cavalgando o crocodilo que os esperava na praia; antes de partirem para Timor, o réptil recebeu como recompensa um cão australiano, que logo deglutiu sofregamente. Os descendentes da rapariga, tomando a catatua por avó, abstêm-se de ingerir carne destas aves, consideradas tàbus.

Em outra lenda, também conhecida no concelho de Viqueque e anotada por J. Correia de Campos, figura um crocodilo que, encarnando o espírito do bem, salvou de morrer afogada certa princesa, tomando-a sobre o dorso, a qual, quando falava deitava flores pela boca e ao chorar caíam-lhe dos olhos pepitas de ouro em vez de lágrimas. Uma escrava da princesa amordaçou-a e, depois de envergar as vestes da senhora, arremessou-a ao mar, indo ter com o príncipe que, iludido, a fez sua esposa. Porém, graças aos bons ofícios do jacaré, a burla

descobriu-se; a princesa casou com o príncipe e a escrava morreu queimada viva num forno.

De acordo com informação de José Rodrigues, obtida no concelho de Lautém, um jacaré transportou no dorso certo rapaz, doente e abandonado por seus dois irmãos em pequena ilha, onde o temporal os obrigou a aportar; o réptil levou-o dali para outra ilha maior e mais fértil, para a qual igualmente aqueles se dirigiam de barco. O jovem, manifestando o receio de naufrágio, foi aconselhado pelo crocodilo a cortar dois pedaços de cana e introduzir um em cada narina, e mais um de bambu, que plantou na ilha, onde chegaram antes dos dois irmãos; surpreendidos, propuzeram a reconciliação, replicando-lhes não ser possível, visto não o consentir seu avô amigo, o jacaré que lá o deixara, resposta que os obrigou a partir à procura de outra ilha.

Certo mito, corrente no mesmo concelho, refere que, havendo destruído, de encontro aos rochedos do litoral, onde se petrificou, um barco em que navegava um grupo de pessoas de família, estranhas a Timor, estas foram salvas por um crocodilo que, ladeando a costa leste da ilha até Souro, ali os deixou sãos e salvos; ainda em nossos dias há descendentes deles, entre os quais um chefe nativo.

Uma terceira lenda, difundida no concelho de Lautém e relatada pelo citado autor, alude ao aparecimento, no mar, de um jacaré que ouvira as lamentações de um homem postado na praia — a quem a esposa, que fora tubarão e se tornara mulher para mais tarde se converter de novo no mesmo peixe, abandonara e aos filhos; o marido conseguiu atingi-la, sob esta última metamorfose, numa axila, com a azagaia de seu irmão, fixada no corpo dela. A arma pertencia a seu irmão, que insistia em reobtê-la. O hidrossáurio prontificou-se a transportá-lo no dorso até à casa do sogro, situada no fundo do oceano, para reclamar a mulher e a azagaia; porém, antes da partida,

pediu-lhe os favores seguintes: um cachorro e um molho de hortaliça, para comer, tanta fome tinha, e precisava de energias para a longa viagem que iam fazer, desejos logo satisfeitos. No dia imediato, repôs o marido na sua terra natal, com a azagaia mas sem a mulher, que se recusou a acompanhá-lo. Dos filhos dessa mulher diz-se existirem parentes na região, motivo por que estes estão impedidos de comer viandas de tubarão, tido por seu avô.

No entanto, encontram-se timorenses que matam o crocodilo e ingerem os despojos. Alguns nativos da costa sul entram nos «coilões» afoitamente, depois de celebrarem «estilos» adequados e haverem feito grande ruído; o réptil, extremamente cobarde, esconde-se no lodo, ali se conservando o tempo suficiente para não ser visto. Afirma-se que alguns pescadores conseguem atacar o jacaré dentro de água, ferindo-o mortalmente no abdómen com um instrumento cortante e perfurante; assegura-se também haver timorenses que sabem hipnotizar o réptil, a ponto de lhe pôrem o pé no dorso sem serem importunados por ele. Informação verbal de Hopffer Rego garante que alguns nativos (pelo menos em Hato Lári, concelho de Viqueque) conseguem capturar um pequeno crocodilo («lafaec acu», «jacaré cão») da seguinte maneira: cavalgam-no e fazem-lhe cócegas no ventre, carícias que o réptil muito aprecia — quando estendido ao sol e adormecido, fora de água —, ocasião em que lhe passam um laço de corda sob a barriga, de modo que, ao abandonarem o animal com a indispensável rapidez e puxando o dispositivo, o prendem com segurança. Correia de Campos afirma que em Alas, concelho do Suro, e em outras regiões do concelho de Viqueque, acredita-se que o reflexo de folha branca de palmeira, atada em volta da cabeça do caçador, perturba o jacaré, sendo então fàcilmente capturado.

6. Também em territórios não-portugueses existem ou houve mitos, lendas e interdições nos quais o crocodilo desempenha papel de realce.

Antigamente e todos os anos em Cupão, capital do Timor Indonésico, sacrificavam à voracidade de um crocodilo sagrado a donzela mais formosa da região, lançando-a numa ribeira próxima dessa localidade de que o réptil é tóteme colectivo ou divindade protectora; em outras ilhas do arquipélago maláio, designadamente Samatra, domesticavam-se jacarés, sustentando-os de peixes seleccionados, por admitirem que nos répteis habitam almas de antepassados. Nas ilhas de Amboína, Quissar, Vétar, Léti e outras dos arquipélagos de Sonda, também respeitam os hidrossáurios, vangloriando-se algumas pessoas de descenderem deles; votam-lhes, por isso, culto fervoroso, jamais os matando ou ingerindo as respectivas viandas.

No sul da Ásia e em certas regiões do subcontinente indiano, gavial, o grande crocodilo do Ganges — rio sagrado dos hindus —, é alvo de veneração e temor, aparecendo igualmente como protagonista em diversos mitos e lendas locais. Desde há séculos os jacarés são consagrados a Vísnu, o deus da riqueza, e mais querido da trimurtí ou trindade hindu; por esta razão, nunca os matam nem aproveitam seus despojos na alimentação. Levam os répteis, apanhados em pequenos, para tanques ou lagos sagrados, construídos perto de santuários; domesticam e sustentam os hidrossáurios a expensas das ofertas dos numerosos fiéis, que os visitam por ocasião das grandes romagens ou peregrinações. Havia hindus que se entregavam inteiramente à contemplação dos gaviais; uma das grandes aspirações de muitos deles consistia em reincarnar-se nos répteis; com este intuíto, em passado não muito distante, jovens de ambos os sexos lançavam-se às correntes de água frequentadas pelos crocodilos a fim de serem consumidos por estes. Outrora, os gaviais do Ganges constituiam os melhores agentes de higiene e sanidade públicas, deglutindo os cadáveres abandonados na água.

O crocodilo foi adorado no Egipto antigo, não apenas por temor como ainda para evitarem que as nascentes secassem e por prever as cheias do Nilo, fugindo para o delta do rio. Este jacaré — o «champsa» dos egípcios do Baixo-Império — era animal sagrado, em virtude de um destes hidrossáurios haver salvado a vida do rei Menas, quando perseguido pelos seus inimigos, transportando-o no dorso para a outra margem do lago Moeris; como prova de reconhecimento, o soberano mandou construir, próximo desse lago, a cidade dos crocodilos, incitando seus súbditos a venerá-los, enfeitados com colares e braceletes de ouro. Capturavam os répteis, ainda jovens, encarregando-se alguns sacerdotes de alimentá-los, domesticando-os tão bem que vinham tomar escolhidos repastos à mão dos guardiões e a obedecer às suas ordens.

Na província de Arsinoíte, existia um crocodilo, cultuado num santuário de Arsinóè; os naturais confessavam-se descendentes dele, considerando-o seu tóteme, motivo por que nunca matavam nem consumiam as viandas dos hidrossáurios. Quando os jacarés faleciam, eram embalsamados; nas ruínas de antigos templos de Tebas e em subterrâneos situados perto do Mont-Talut, encontraram-se numerosas múmias de jacarés, com diversos tamanhos — os maiores exemplares achavam-se isolados e os mais pequenos, em quantidades que iam de cinquenta a oitenta, contidos em cestos de palmeira. Descobriu-se ainda grande número de ovos destes répteis, cuidadosamente envolvidos em pez mineral. Todavia, nas regiões limítrofes do Egipto (Núbia e Sudão), os naturais tanto respeitam os crocodilos como os abatem e ingerem seus despojos, depois de os haverem libertado do intenso odor almiscarado, para o que dependuram os animais mortos e os batem violentamente. Os chiluques veneram um ente semi-divino, dotado de corpo de jacaré, cuja irmã habita no rio Nilo, incarnada num destes répteis, aos quais nunca importunam nem aproveitam a carne nas suas ementas.

Entre os Nagós, naturais de regiões do golfo da Guiné, o jacaré é muito respeitado, como verdadeira divindade — o culto crocodilino celebra-se ali a partir do dia em que uma mulher, que se banhava na lagoa de Porto-Novo, foi mordida por um hidrossáurio. Fons e Gègés, também habitantes dos territórios marginais do golfo da Guiné, atribuem virtudes ou defeitos a estes répteis, sendo respectivamente, bons ou maus feitiços e, por conseguinte, intocáveis — conforme determinação de Maô, seu deus supremo; veneram tanto os crocodilos que, em tempos mais ou menos remotos, condenavam à pena capital quem voluntária ou involuntàriamente, os matasse. Papeis e Bijagós da Guiné Portuguesa adoram comer viandas de jacaré ou «lagarto», como se designa em crioulo local.

Em Angola, tal como no Timor Português, o crocodilo serve frequentemente para descobrir e castigar os delinquentes. Aos Ba-Rongas e aos Ba-Sengas de Moçambique parece não agradar a carne de hidrossáurio; receando os ataques dos répteis, não se aventuram a entrar em depósitos aquáticos, onde pretendem pescar, sem prèviamente celebrarem certos rituais mágico-religiosos, destinados a afugentar os jacarés. Em Madagáscar, as populações de Antimerina acreditam que os crocodilos incarnam as almas de pessoas, rendendo-lhes homenagens dignas de animal «fady» ou tàbu, considerando-o seu tóteme ou pai comum.

7. Termino apresentando as seguintes conclusões gerais.

(a) Qualquer que seja a origem sobrenatural dada pelos timorenses portugueses aos búfalos, em nenhum mito ou lenda os ruminantes são tidos como sagrados ou entes totémicos, jamais aparecendo metamorfoseados em pessoas ou vice-versa; abatem os animais para ingerir suas viandas, quer em refeições familiares e privadas, como alimento vulgar, quer colectivas e públicas, em «estilos» — neste caso

constituíndo cibo simultâneamente material e mágico-religioso —, atinente a propiciar benefícios ou protecção aos componentes vivos da comunidade nativa, ou a render homenagem às almas dos defuntos insepultos, sem o que estas não se desprenderão do corpo, com doloroso penar para elas, para as respectivas famílias e para as próprias gentes da povoação do finado.

O nome do búfalo é várias vezes aplicado como topónimo, hidrónimo, a alfáias agrícolas, etc.; no topo das habitações de leste de Timor, ostentam-se objectos assemelhando-se a dois chifres de madeira, ligados pelas bases, os quais tanto podem representar símbolos de autoridade ou crescentes dos guerreiros em ouro ou prata, como quilhas de embarcações em que os primeiros habitantes haveriam sido transportados para a ilha.

(b) No ciclo cultural austronesóide, abrangendo Madagáscar, verificam-se atitudes e deferências para com o crocodilo idênticas às ainda existentes em Timor. O facto não deve surpreender, visto a influência malaia ter atingido essa ilha africana, veículada por migrações humanas partidas há alguns séculos, primeiramente de Samatra e depois de Java. Contudo, pode admitir-se que tal presença cultural também poderia ter chegado ali vinda do continente africano e difundida pelos Nilóticos entre os Bantos orientais, bastante representados em Madagáscar.

As manifestações de totemismo em Timor, relacionadas com o crocodilo, animal sagrado, poderão provir do norte da Austrália (via Nova-Guiné), pertencente ao ciclo totémico; haver-se-iam expandido em Timor por intermédio dos povos incluídos no ciclo neo-matriarcal, habitantes da Nova Guiné, situada a leste da ilha timorense.

Influências do ciclo indóide, em que se aceita a metempsicose e o jacaré pode ser considerado veículo da alma humana, haver-se-iam

difundido em Timor após terem atingido o ciclo austronesóide, bem como o gosto pelos combates de galos, e ao contrário das esculturas em chifres de búfalos — animais malquistos pelas populações hindus, porquanto crêem que nos respectivos apêndices córneos se transporta Yama, o deus da morte, equivalente a Plutão. Só os párias ou intocáveis podem executar trabalhos inferiorizantes, entre os quais figuram os que obrigam a contactar com restos do corpo de animais mortos; porém, esta gente hinduista sem casta não possui aptidões artísticas que lhes facultassem servir de mestres dos timorenses neste sector animológico.

A influência islamóide parece evidenciar-se no conteúdo e estilo de alguns mitos e lendas de Timor, a recordar as «Mil e uma noites», nos quais o crocodilo e outros protagonistas, embora em meio ambiental diferente, desempenham papéis análogos aos dos animais dos famosos contos árabes. Aliás, comerciantes pré-muçulmanos aportavam a Java e a outras ilhas de Sonda alguns séculos antes de terem sido conquistadas pelos maometanos.

Um dos fundamentos do respeito e veneração dos timorenses pelos crocodilos deriva do facto de os répteis raramente atacarem as pessoas que frequentam os locais onde habitualmente estes animais se encontram, principalmente após os «estilos» para o efeito celebrados.

Os naturais consideram a atitude dos hidrossáurios avôs não só grande manifestação afectiva mas também recompensa pelas honras recebidas, nunca a atribuindo à cobardia natural dos crocodilos, aumentada pelos ruídos intencionalmente produzidos pelos pescadores nos «coilões».

Na opinião de alguns etnólogos, o procedimento dos timorenses, ingerindo as viandas dos répteis sagrados, pode porventura ser inter-

pretado, não como receio, menosprezo ou indiferença pelo animal mas, ao contrário, como modalidade de comunhão, integrando no próprio corpo a carne dos jacarés seus tótemes, avós-divindades, reminiscência de práticas rituais de tempos sem data, acto de cuja espiritualidade dos actuais comungantes já não se apercebem.

ANTÓNIO DE ALMEIDA

(Comunicação apresentada na sessão da classe de Ciências em 4 de Fevereiro de 1971)

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, António de — *Das mutilações étnicas dos aborígenes de Angola.* Lisboa, 1937.

— *Das mutilações étnicas dos nativos da Guiné Portuguesa.* «Actas do Congresso Colonial». Lisboa, 1940.

— *Carne de mamíferos — tàbu alimentar dos nativos das Colónias Portuguesas.* «Boletim Geral das Colónias», N.º 238. Lisboa. 1945.

— *Carne de répteis e de batráquios — tàbu alimentar dos nativos das Colónias Portuguesas.* «Boletim Geral das Colónias», N.º 241. Lisboa, 1945.

— *Das mutilações étnicas dos indígenas de Timor Português.* «Boletim Geral das Colónias», N.os 251/52/53/54/55/56/57/58. Lisboa, 1946.

— *IV Congresso de Pré-história do Extremo-Oriente.* «Garcia de Orta», vol. II, n.º 3. Lisboa, 1954.

— *Découvertes préhistoriques dans Timor Portugais.* (Em colaboração com Mendes Corrêa e J. Camarate França). Comptes Rendus du Congrès de Prehistoire et Protohistoire. Madrid, 1954.

— *Preliminary notice of paleolithic stations in Eastern Malaysian Archipelago (Portuguese Timor).* Em colaboração com Mendes Corrêa e Ruy Cinatt «Proceedings of the Pacific Sciences Congress». Manilla, 1955.

— *Contribuição para o estudo do neolítico de Timor Português.* «Memórias» da Junta de Investigações do Ultramar, 2.ª série, n.º 16, Lisboa, 1960.

— *Quelques notes au sujet du Néolithique du Timor Portugais.* «Comptes Rendus du Congrès International de Prehistoire et de Protohistoire — — Hamburg, 1958». Berlin, 1961.

— *Sobre alguns exemplares com fácies paleolítica de Timor Português.* (Em colaboração com A. A. Mendes Corrêa e J. Camarate França). «Trabalhos do Centro de Estudos de Antropobiologia». Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1964.

— *A contribution to the study of rock-paintings, in Portuguese Timor.* «Asian and Pacific archaeology Series». (Archaeology at Eleventh Pacific Science Congress, Tokyo, 1966). Honolulu, 1967.

— *Contribution to the study of the Prehistory of Portuguese Timor — Lithic Industries.* (Em colaboração com Georges Zbyszewsky). «Asian and Pacific Archaeology Series». (Archaeology at Eleventh Pacific Congress. Tokyo, 1966). Honolulu, 1967.

— *Lições de Ergologia do Ultramar Português.* (Inédito).

BAUMANN, H. & WESTERMANN, D. — *Les peuples et les civilisations de l'Afrique suivi de les langues et l'education*. Paris, 1948 (tradução francesa).

CAMPOS, J. Correia de — *Mitos e contos do Timor Português*. Agência Geral do Ultramar. Lisboa, 1967.

CINATTI, Rui — *A pescaria da Bé-Malai. Mito e Ritual*. «Geographica». Revista da Sociedade de Geografia de Lisboa, Ano I, N.º 1. Lisboa, 1965.

— *As pinturas rupestres de Timor*. «Colóquios». Lisboa, 1963.

PASCOAL, Ezequiel Enes — *A alma de Timor vista na sua fantasia*. Braga, 1967.

RODRIGUES, José B. — *O rei de Nari*. «Agência Geral do Ultramar». Lisboa, 1962.

SÁ, Artur Basílio de — *Textos em Teto da Literatura Oral Timorense*. I Volume «Estudos de Ciências Políticas e Sociais». Junta de Investigações do Ultramar. Lisboa, 1961.

SANTA, Victor — Monografia apresentada no concurso para administrador do quadro administrativo de Timor (inédita).